



O EFEITO DEVASTADOR DA PANDEMIA PARA AS MULHERES E A INFLUÊNCIA NAS CONDIÇÕES DE VIDA E TRABALHO

EL EFECTO DEVASTADOR DE LA PANDEMIA EN LAS MUJERES Y LA INFLUENCIA EN LAS CONDICIONES DE VIDA Y DE TRABAJO

THE DEVASTATING EFFECT OF THE PANDEMIC ON WOMEN AND THE INFLUENCE ON LIVING AND WORKING

Adriana Lessa CARDOSO¹
Lígia Maria Ávila CHIARELLI²

RESUMO

O presente artigo busca compreender importantes consequências da pandemia sobre a vida e o trabalho das mulheres, sugerindo apontamentos que se identifiquem com as necessidades de mudança social e com as novas questões que devem ser tratadas pelos movimentos sociais e na academia, no que diz respeito às políticas públicas direcionadas ao trabalho das mulheres. O referencial teórico utilizado para reflexão e análise tem como princípio o paradigma feminista crítico-dialético da divisão sexual do trabalho, visando à eliminação das hierarquias e acúmulo de tarefas. Utilizou-se revisão bibliográfica e documental como metodologia. Assim, conclui-se que a pandemia tem um efeito devastador para a vida da

¹ Mestra em Geografia; Estudante de doutorado na pós-graduação em Educação, UFPel, Coordenadora da União Brasileira de Mulheres - UBM/Pelotas; Programa de Pós-graduação Educação PPGE/UFPel – Pelotas/RS/Brasil; adrianalessacardoso@gmail.com.

² Doutora em História pela PUC/RS. Professora voluntária do Programa de Pós Graduação da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Pelotas. Coordenadora da União Brasileira de Mulheres - UBM/Pelotas e UBM/RS; biloca.ufpel@gmail.com.

população em geral, mas as mulheres, em que se considere o recorte de raça e classe, ainda são as mais prejudicadas devido à cultura patriarcal e sexista fundamentadora do capitalismo. Neste sentido, aponta-se para a necessidade de atualizar, definir novas pautas e fomentar o protagonismo das mulheres na transformação social.

Palavras-chave: pandemia; divisão sexual do trabalho; trabalho feminino; políticas públicas

RESUMEN

Este artículo busca comprender las importantes consecuencias de la pandemia en la vida y el trabajo de las mujeres, sugiriendo notas que se identifiquen con las necesidades de cambio social y con los nuevos temas que deben ser abordados por los movimientos sociales y la academia, en lo que respecta a las políticas públicas dirigidas al trabajo de las mujeres. El marco teórico utilizado para la reflexión y el análisis tiene como principio el paradigma feminista crítico-dialéctico de la división sexual del trabajo, apuntando a la eliminación de jerarquías y acumulación de tareas. Se utilizó como metodología una revisión bibliográfica y documental. Así, se concluye que la pandemia tiene un efecto devastador en la vida de la población en general, pero las mujeres, en cuanto a raza y clase, siguen siendo las más perjudicadas debido a la cultura patriarcal y sexista que fundó el capitalismo. En este sentido, apunta a la necesidad de actualizar, definir nuevas agendas y fomentar el papel de la mujer en la transformación social.

Palabras clave: pandemia; división sexual del trabajo; trabajo femenino; políticas públicas

ABSTRACT

This article seeks to understand the important consequences of the pandemic on women's lives and work, suggesting notes that

identify with the needs for social change and with the new issues that must be addressed by social movements and academia, with regard to public policies aimed at women's work. The theoretical framework used for reflection and analysis has as its principle the critical-dialectical feminist paradigm of the sexual division of labor, aiming at the elimination of hierarchies and accumulation of tasks. A bibliographic and documentary review was used as methodology. Thus, it is concluded that the pandemic has a devastating effect on the life of the population in general, but women, in terms of race and class, are still the most harmed due to the patriarchal and sexist culture that founded capitalism. In this sense, it points to the need to update, define new agendas and foster the role of women in social transformation.

Keywords: pandemic; sexual division of labor; female work; public policy

1. Introdução e referencial teórico

A esfera privada do âmbito doméstico, atribuída às mulheres, tem se reduzido cada vez mais, devido ao crescente acesso feminino aos postos de trabalho remunerados. A inserção no mercado de trabalho ocorreu a partir do final do século XIX e de modo mais expressivo no século XX. A inserção das mulheres no espaço público e na esfera do trabalho remunerado não eliminou a responsabilidade das mulheres pelo espaço privado, do fazer doméstico e do cuidado com a família. O trabalho que as mulheres executam no âmbito doméstico e de cuidado não pode ser considerado como um trabalho livre, porque não se caracteriza como possibilidade de vendê-lo enquanto uma força de trabalho. Portanto, podemos considerar como um trabalho invisível, feito não apenas para si, mas para os outros³.

O trabalho das mulheres no espaço privado, não é passível de quantificação, por isso, tem uma valorização subjetiva e subestimada, tendo em vista o tempo das relações de cuidado, afetos e sentimentos. No entanto, o trabalho exercido pelas mulheres no

³ LAGARDE, Marcela y de los Ríos. *Los cautiverios de las mujeres: madresposas, monjas, putas, presas y locas*. México: Siglo XXI, 2 ed. 2015.

contexto privado é diferente da lógica do mercado que quantifica o tempo e produz mais-valia.

No estágio atual, os sistemas econômicos se apresentam cada vez mais como autônomos e utilitaristas, ou seja, a economia se reveste de uma camada opaca de independência dos processos culturais ocultando a importância da atividade doméstica, base essencial da produção da vida e, ironicamente, da força de trabalho. Essa ocultação da atividade doméstica facilita o repasse dos custos da produção, sendo transferida para o espaço doméstico⁴.

O exemplo do conceito "trabalho" é o mais expressivo: as disjunções clássicas entre trabalho/não-trabalho, trabalho assalariado/trabalho doméstico... foram recusadas enquanto reflexo ideológico das relações sociais dominantes. Ao contrário, ocorreu um esforço para restabelecer os vínculos entre o que até então havia sido separado, formulando uma definição mais ampla do trabalho (em que o conceito de trabalho abrange tanto trabalho assalariado quanto o trabalho doméstico) e providenciando sua saída do simples domínio das relações mercantis. A partir de então, o trabalho doméstico e as particularidades do trabalho assalariado das mulheres não são mais "exceções" ao modelo supostamente geral: essa problemática supõe uma tentativa de refazer o modelo geral do qual essas mesmas especificidades seriam elementos constitutivos⁵.

A vivência do trabalho feminino implica sempre a combinação da esfera do trabalho objetivo e do subjetivo. Sendo uma expressão de uma ideologia produtivista e patriarcal, onde a exploração é invisibilizada para garantir a dominação, o trabalho feminino no mercado passa por essa coextensão, ou seja, uma sobreposição e não pode ser compreendido como um recorte ou articulação⁶.

⁴ CARRASCO, Cristina. *A sustentabilidade da vida humana: um assunto de mulheres?* In: FARIA, Nalu e NOBRE, Miriam. *A produção do viver*. Editora SOF. 2002.

FEDERICI, Silvia. *Calibã e a Bruxa: Mulheres, Corpo e Acumulação Primitiva*. São Paulo: Elefante, 2017.

FEDERICI, Silvia. *O ponto zero da revolução: trabalho doméstico, revolução e luta feminista*. Tradução de Coletivo Sycorax. São Paulo: Elefante, 2019.

⁵ HIRATA, Helena. *Nova divisão sexual do trabalho? um olhar voltado para a empresa e a sociedade*. São Paulo: Boitempo, 2002.

⁶ *Ibidem*.

Neste momento, em que vivemos uma pandemia ocorre uma reestruturação no modo de organização laboral, estamos acumulando outras tarefas neste espaço. Tal situação não é uma novidade, desde os anos 1980 e 1990, com a reestruturação, flexibilização e intensificação do trabalho, foram solapados direitos trabalhistas, incorporando um novo modo de acumulação de capital⁷.

Desde o início da pandemia havia a convicção de que as mulheres seriam mais seriamente afetadas. Já no início dos primeiros meses, inúmeros dados passaram a ser coletados pela mídia e grupos de pesquisa, destacando o aumento do desemprego, da precarização das condições de trabalho e a ampliação de violência de gênero. Logo ficou evidente, que, a par da importância desses registros quantitativos que colocassem em evidência esses aspectos, havia a necessidade de interpretações qualitativas desses dados, buscando relacionar aos objetivos propostos por cada investigação. Estudos de gênero, segundo Rodrigues e Menezes, devem ter “como objetivo a mudança social e se preocupam com o resgate da experiência feminina, o uso de linguagens não sexistas e com o empoderamento dos grupos minoritários”⁸.

Nesse sentido, uma visão estritamente econômica necessita ser qualificada por conceitos advindos de uma dialética aberta e solidária. Carecem de um movimento de análise e proposição que possam ser ao mesmo tempo procedentes e compreensíveis à formação humana.

A partir dessas considerações surgiu o objetivo deste trabalho: compreender as importantes consequências da pandemia sobre a vida das mulheres, sugerindo apontamentos que se identifiquem com as necessidades de mudança social, e identificando as novas questões que devem ser tratadas pelo movimento, tanto no que

⁷ HARVEY, David. *Condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural*. 14ª ed. São Paulo: edições Loyola, 2005.

HARVEY, David. *A produção capitalista do espaço*. São Paulo: Annablume, 2001.

ANTUNES, Ricardo. *O sentido do trabalho: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho*. 2. ed. São Paulo: Boitempo, 2009.

ANTUNES, Ricardo. *Adeus ao trabalho?: ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho*. 14. ED. São Paulo: Cortez, 2010.

⁸ RODRIGUES, Maria Natália Matias; MENEZES, Jaileila de Araújo. *O desafio de pesquisar: reflexões sobre Metodologias e Feminismo a partir de uma experiência de pesquisa*. In: Seminário Internacional Fazendo Gênero 10 (Anais Eletrônicos), Florianópolis, 2012.

diz respeito a pautas feministas quando as relacionadas a própria condições de trabalho das mulheres militantes em tempo de pandemia.

Para essa finalidade esse estudo parte de uma perspectiva feminista crítica e se baseia em revisões bibliográficas e documentais, tendo como referências os conceitos de trabalho, divisão sexual do trabalho, destacando a dimensão dos cuidados como tarefa responsável para sobrecarga das atividades das mulheres em tempos de pandemia.

2. A pandemia e seu efeito devastador

Podemos inferir que em períodos de grandes crises, como guerras e outras catástrofes, onde toda a sociedade se encontra em risco, a desigualdade e a exploração aparecem mais. As pessoas mais desfavorecidas e vulneráveis são mais afetadas, têm sua saúde impactada, a vida ameaçada e são essas que vêm a sucumbir⁹. No entanto, o que seria uma oportunidade de reconhecimento do dever social da humanização, da discriminação do capital, muitas vezes passa a ser um número estatístico indiferenciado. Uma contagem que os conservadores se reportam como culpa das vítimas, seleção dos vencedores e alívio de problemas do estado e do mercado, para que serve afinal, este peso morto?

É nesse sentido que se enquadra o exemplo da pandemia que teve início no final do ano de 2019. A covid-19 foi caracterizada por ser epidemia viral mutante, fortemente transmissível pelas vias aéreas, com altas taxas de mortalidade em pessoas vulneráveis, idosos e pessoas com comorbidades, causando sequelas graves ainda pouco estudadas, nas pessoas que sobrevivem. Para contenção do surto epidêmico, os órgãos de saúde exigiram como medida sanitária o isolamento social, numa tentativa de evitar a propagação do vírus. Nesse cenário se constatou a precarização das condições de vida das mulheres e a ampliação e intensificação do seu trabalho, já que historicamente recai sobre as mulheres o trabalho de cuidado de familiares e amigas/os, fato que as deixa mais vulneráveis no mercado de trabalho.

Na realidade, diversos estudos originados em organismos internacionais de defesa de direitos humanos se encontram alinhados e destacam o efeito devastador da pandemia sobre as mulheres. Os primeiros resultados da propagação do vírus se

⁹ SANTOS, Boaventura de Sousa. *A cruel pedagogia do vírus*. São Paulo: Boitempo, 2020.

fizeram sentir nas perdas humanas e nas sequelas provenientes da doença, afetando tanto homens como mulheres. No entanto, as consequências não foram iguais para homens e mulheres. Acostumadas à invisibilidade, a metade feminina do planeta precisou se acostumar e suportar um imenso fardo de novas responsabilidades. Entretanto, para além do impacto da pandemia sobre a população em geral, no Brasil, ocorreu uma mistura de diversos ingredientes que potencializaram essa devastação entre as mulheres.

Na atualidade, o Brasil contabiliza 43 % de mulheres chefe de família, sendo 40% da força de trabalho ativa¹⁰. Por um lado, as mulheres já sofriam as consequências da Reforma Trabalhista (Lei 13.467) e medidas antissindicais, que atuavam no sentido de enfraquecer sua resistência, desde 2017. A partir do golpe de 2016 e, principalmente após a eleição de 2018, num cenário em que a população necessitava ainda mais de políticas sociais e que as mulheres acumulam diversas atividades laborais, remuneradas e não remuneradas, ocorreu uma retração de investimentos e abandono das políticas públicas para mulheres. Tanto que, a Comissão Permanente Mista de Combate à Violência Contra a Mulher do Senado¹¹ destacou, em março de 2021, num relatório de avaliação das políticas públicas do biênio 2019/2020, a baixa execução orçamentária e a dificuldade de percepção de situações de violência física, patrimonial ou psicológica contra a mulher.

Soma-se a isso, as evidências produzidas pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada¹² que, em Nota Técnica sobre Trabalho e Pandemia, destaca que as mulheres estiveram em desvantagem. Para o segundo semestre de 2019, registrou-se uma taxa de ocupação de 46,2% entre as mulheres, sendo que a dos homens alcançou 64,8%. Esse estudo chama a atenção para o fato de que, desde o ano anterior da pandemia, já havia uma maior possibilidade de as mulheres alterarem a

¹⁰ IPEA. *Trabalho remoto no Brasil em 2020 sob a pandemia do Covid-19: quem, quantos e onde estão?*. Nota de Conjuntura 6. Nº 52. 2021. Disponível em: https://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/conjuntura/210714_nota_trabalho_remoto.pdf. Acesso em: 15/10/2021.

¹¹ Fonte: Agência Senado. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/audios/2021/03/relatorio-mostra-pouco-investimento-em-combate-a-violencia-contra-a-mulher> Acesso em: 15/10/2021.

¹² IPEA. *Trabalho remoto no Brasil em 2020 sob a pandemia do Covid-19: quem, quantos e onde estão?*. Nota de Conjuntura 6. Nº 52. 2021. Disponível em: https://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/conjuntura/210714_nota_trabalho_remoto.pdf. Acesso em: 15/10/2021.

situação laboral de ocupada para inativa e menor chance de estar na situação de ocupada. Só que com a pandemia e a crise econômica essa situação se ativou.

O IPEA destaca também a interrelação gênero/raça ao evidenciar que ocorreu um acréscimo na situação de desemprego e/ou inatividade e também grande redução na entrada para ocupação, relativamente aos negros, em 2020.

3. O impacto da pandemia se abateu sobre as mulheres de forma desproporcional

A ex-diretora executiva da ONU-Mulheres, Phumzile Mlambo-Ngcuka, evidencia que nenhuma pandemia é neutra em termos de gênero, esclarecendo que as mulheres experimentaram o impacto de forma desproporcional¹³. A sul africana destaca a falta de acesso digital e o avanço da situação de pobreza extrema entre as mulheres. Também se refere a perda de empregos, principalmente em profissões tipicamente femininas e a violência que se abateu pelo confinamento em função do distanciamento social e aumento da intolerância dos homens no âmbito doméstico. No Brasil, a situação não foi diferente, sendo que o descaso e o negacionismo influenciaram no aumento do desemprego e violência, agravados pela precarização das condições de trabalho já mencionada e o acúmulo de tarefas e responsabilidades assumidas em função das diversas medidas impostas pela pandemia.

Essa violência, no entanto, assumiu contornos mais sutis, diferente do passado, como nos referimos, em que as mulheres vivenciavam a dupla e até tripla jornada de trabalho (tarefas domésticas, cuidado dos filhos - ou de idosos - e trabalho remunerado), em turnos distintos, não sobrando tempo para o lazer e a participação política. É preciso observar que, com a pandemia, esse quadro se agravou exponencialmente.

Hoje, essas jornadas se fundiram, ocorrendo muitas vezes dentro do mesmo espaço, ao mesmo tempo, pois trabalho remunerado e concentração de familiares ficaram restritos ao ambiente da casa em tempo integral. Essa situação tem provocado doenças, dores pelo corpo, stress, depressão e coloca as mulheres na condição de

¹³ ONU/MULHER. Declaração de Phumzile Mlambo-Ngcuka, diretora executiva da ONU Mulheres, no Dia Internacional das Mulheres. 2021. Acesso em: 8/03/2021. Disponível em: <https://www.onumulheres.org.br/noticias/declaracao-de-phumzile-mlambo-ngcuka-diretora-executiva-da-onu-mulheres-no-dia-internacional-das-mulheres-de-2021/>

sentir como se sempre estivesse devendo algo para alguém. A pandemia revelou de forma nua e crua a impossibilidade de o capitalismo garantir os direitos das mulheres. De acordo com o relatório da pesquisa Sem Parar: o trabalho e a vida das mulheres na pandemia¹⁴, organizada pela prestigiada Sempre Viva Organização Feminista, 72% das entrevistadas afirmaram que aumentou a necessidade de monitoramento e companhia. A dimensão do cuidado foi, na maioria dos casos, invisibilizada. Com o trabalho remoto, os tempos de cuidado e os tempos de trabalho remunerado se sobrepõem no cotidiano das mulheres: mesmo enquanto realizam outras atividades habituais. A pesquisa também apontou que 58% das mulheres desempregadas são negras e no período do isolamento social, 50% das mulheres passaram a apoiar ou se responsabilizar pelo cuidado de outras pessoas. Entre essas mulheres, 80,6% passaram a cuidar de familiares, 24% de amigos/as e 11% de vizinhos.

Como é possível atender as demandas de cuidado com as/os filhas/os ao mesmo tempo em que participa de uma importante reunião on line? Como acolher os adolescentes, entediados também, pensando na limpeza dos produtos que chegaram do mercado? Como reorganizar o funcionamento da casa, pensando no cuidado de um paciente com covid? Como se qualificar, carregando a tripla jornada de trabalho nos ombros, acrescida de novas tarefas de cuidado? Como manter a saúde mental, quando tudo ao redor parece ruir? Poder-se-ia perguntar, quem, na pandemia, ainda não passou por isso?

O impacto psicológico tem encontrado mulheres enfraquecidas e desvalorizadas, obstaculizando a consciência crítica sobre a realidade objetiva enfrentada. Ao mesmo tempo, vão se alastrando as manifestações governamentais fortalecendo a propagação do papel conservador e a "vocação natural" das mulheres para serem esposas e mães, que, não por acaso, contribuem para naturalizar as tarefas de atenção à família, reforçando o papel das mulheres como cuidadoras.

Na verdade, a pandemia inaugurou um conjunto de novas tarefas de cuidado que passaram natural e silenciosamente, a ser contabilizadas como responsabilidade das mulheres. As palavras acima, se referem a manutenção estereotipada dos papéis de gênero, que cobram da mulher a fachada de dona de casa exemplar, eficiente e

¹⁴ SOF, Sempre Viva - Organização Feminista. *Pesquisa Sem Parar: o trabalho e a vida das mulheres na pandemia*. 2021. Disponível em: https://mulheresnapandemia.sof.org.br/wp-content/uploads/2020/08/Relatorio_Pesquisa_SemParar.pdf

sorridente, mãe dedicada, funcionária modelo, que deve se orgulhar em desempenhar multitarefas.

4. É preciso definir as novas pautas

Esse quadro aponta para a necessidade do movimento social e feminista fazer uma parada e reavaliar que novas políticas públicas e reivindicações são necessárias para dar respostas a essa situação, além das questões que já estavam sendo pleiteadas e daquelas que foram caçadas e perdidas. Não é mais possível reduzir a lutas das mulheres ao mesmo patamar, anterior a pandemia. O problema adicional é que o acúmulo dessas tarefas durante a pandemia, não está permitindo essa reflexão.

Não basta pensarmos em ações e lutas para o tempo de resistência. As novas reivindicações são consequência direta de uma situação que se desenvolve em um momento particular, em que as mulheres sofrem esse efeito devastador, desproporcional, desastroso e em que se cobra delas, novas tarefas de cuidado extenuantes. Todos estão cansados, as mulheres estão mais ainda.

As instituições partidárias, sindicais e organizações coletivas precisam atualizar as lutas políticas das mulheres considerando esses novos tempos, principalmente porque as condições de vida decorrentes da pandemia, estão longe de ser superadas. Muitas das práticas no período pandêmico serão incorporadas à vida das trabalhadoras, sem que se resolva os problemas de acúmulo de tarefas. Machado e Moura¹⁵, destacam que a implantação do teletrabalho gera a precarização do trabalho, porque essa prática torna os direitos trabalhistas mais flexíveis e transfere para o trabalhador a condição de gerar e pagar sua própria estrutura de trabalho, onde estão incluídos a internet, a alimentação, materiais de escritório, linha de telefone, etc., enquanto mantém o mesmo salário por sua mão de obra.

Além disso, é preciso evidenciar que essa mudança na rotina das mulheres foi definida sem a participação delas, apenas cada uma foi assumindo as tarefas que sobraram. É esse conjunto de tarefas que foram descarregadas de modo sutil sobre a metade da população é que precisa ser descortinado. Como foi possível essa situação se

¹⁵ MACHADO, Gabriele Petroski, MOURA, Reidy Rolim. *Implicações da dupla jornada de trabalho na vida da mulher que está atuando na modalidade de teletrabalho em tempos de pandemia de covid - 19*. In: V SERPINF - Seminário Regional de Políticas Públicas, Intersetorialidade e Família e III SENPINF – Seminário Nacional de políticas públicas, Intersetorialidade e Família, 2013 , Plataforma Zoom Webinar. Anais...PUC/RS. Porto Alegre. PUC/RS. 2013.

impor? Porque não se ouviu o grito e o esperneio das mulheres quando as tarefas começaram a ser destinadas para o universo feminino? O certo é que, pouco a pouco foi clareando o que estava acontecendo, mas as mulheres imersas na cultura patriarcal nem sempre conseguem unir forças para dizer: Não, isso não é comigo, só porque sou mulher!

Desse modo, se torna necessário não só definir essas políticas, mas também se antecipar e estar preparadas, pois novas situações pandêmicas podem se repetir e desta vez não se pode deixar que se instale essa devastação sobre as mulheres.

Também é necessário discutir a condição de vida das militantes do movimento social. Qualquer mulher, ativista social, está sobrecarregada, continua abraçando o mundo e nem sempre consegue dar conta de suas tarefas. Isso sem contar que o modo de trabalho militante mudou. A organização da luta feminista que antes acontecia presencialmente, num tête-à-tête ou olho no olho que era compartilhado entre várias mulheres, agora passa a se desenrolar num universo diferente. Ainda que socialmente conectadas, a distância física apresenta dificuldades e sensação de impotência. Isso sem contar que grande parte das mulheres não têm acesso ao mundo digital e estão mais à margem da sociedade do que antes.

O objetivo da militância não se modificou, mas o processo de como realizamos as tarefas e redefinimos as pautas vem se transformando. No momento, as mulheres já identificam essas mudanças e sentem a necessidade da presença física enquanto sujeitas sociais. Vão aprendendo novas táticas de sobrevivência, mas nem todas conseguem. Por isso é urgente a discussão dessas questões em toda a sociedade.

Também o movimento social (sindicatos, partidos, organizações) precisa se questionar, nesses tempos de pandemia, se também não passou a exigir de suas militantes, o que há muito a sociedade impõe: que as mulheres nos seus locais de atuação política desempenhem multitarefas, estando presentes em todas as frentes, sobretudo na atualidade, desconsiderando as questões específicas vividas pelas mulheres.

Esse raciocínio pode se ampliar para a realidade de que há muito tempo também o movimento social, em nome da valorização da atuação das mulheres, "empurrar" para elas, as tarefas que ninguém quer fazer, tal como na vida doméstica.

Pensar sobre a condição dos trabalhos das mulheres é considerar o tempo. Cristina Carrasco¹⁶, sistematizou em sua pesquisa, a organização dos tempos de trabalho das mulheres. Para a autora, o tempo mercantilizado é o mais valorizado dentro da lógica liberal e se sobrepõe a outros tempos. Já o tempo invisível é intensificado e se refere a dupla jornada, que incorpora uma intensificação do trabalho total, constituindo a divisão sexual do trabalho, que para a maioria dos homens não ocorre, pois dedicam-se somente ao tempo mercantilizado. Para a maioria das mulheres o tempo de trabalho é complexo, não linear e a sobrecarga de trabalho e responsabilidades fazem com que o progresso de suas carreiras, os cuidados de si e de outros, bem como a participação política e o ócio fiquem prejudicados. De acordo com a autora, a participação cidadã e o lazer não é uma possibilidade, as que enfrentam esse desafio acumulam ainda mais tarefas. Assim, é possível concordar com a autora de que é necessária uma mudança de paradigma, ou seja, organizar a sociedade seguindo o modelo feminino/feminista de trabalho, dando reconhecimento ao trabalho familiar e doméstico. Mas atenção, valorizar esse trabalho feminino não se trata de mandar flores pelas tarefas cumpridas. Dentro dessa lógica, a população masculina teria que assumir suas responsabilidades com o cuidado, com as tarefas tidas como femininas.

5. Conclusões

O quadro descrito fortalece os argumentos de quem identifica o efeito devastador da pandemia sobre as mulheres, evidenciando que elas experimentaram consequências de forma desproporcional. Particularmente, no Brasil, além dessas condições, tivemos um tratamento desastroso da pandemia, com retrocessos na vida democrática e em nossa soberania.

A realidade enfrentada apontou para a necessidade de debater as novas pautas, considerando as tarefas colocadas para as mulheres na pandemia. Assinalou a ausência da opinião das mulheres nos momentos em que essas tarefas são demandadas. Evidenciou a necessidade de se debater também a condição da mulher militante e das novas formas de militância na atualidade. E pôs em evidência a necessidade de se aprofundar essas discussões para evitar que mesmo após a pandemia essa situação continue a afetar a vida das mulheres. Por fim, entende-se

¹⁶ CARRASCO, Cristina. *A sustentabilidade da vida humana: um assunto de mulheres?* In: FARIA, Nalu e NOBRE, Miriam. *A produção do viver*. Editora SOF. 2002.

que as mulheres, apesar das crises e da cultura patriarcal, capitalista e colonizadora, estamos cada vez mais nos articulando e refletindo sobre o nosso protagonismo na sociedade, que não haja ilusão: mas não somos as mesmas.

Referências Bibliográficas

ANTUNES, Ricardo. **O sentido do trabalho: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho**. 2. ed. São Paulo: Boitempo, 2009.

ANTUNES, Ricardo. **Adeus ao trabalho?: ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho**. 14. ED. São Paulo: Cortez, 2010.

CARRASCO, Cristina. **A sustentabilidade da vida humana: um assunto de mulheres?** In: FARIA, Nalu e NOBRE, Miriam. A produção do viver. Editora SOF. 2002.

FEDERICI, Silvia. **Calibã e a Bruxa: Mulheres, Corpo e Acumulação Primitiva**. São Paulo: Elefante, 2017.

FEDERICI, Silvia. **O ponto zero da revolução: trabalho doméstico, revolução e luta feminista**. Tradução de Coletivo Sycorax. São Paulo: Elefante, 2019.

HARVEY, David. **A produção capitalista do espaço**. São Paulo: Annablume, 2001.

HARVEY, David. **Condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural**. 14ª ed. São Paulo: edições Loyola, 2005.

HIRATA, Helena. **Nova divisão sexual do trabalho? um olhar voltado para a empresa e a sociedade**. São Paulo: Boitempo, 2002.

IPEA. **Trabalho remoto no Brasil em 2020 sob a pandemia do Covid-19: quem, quantos e onde estão?**. Nota de Conjuntura 6. Nº 52. 2021. Disponível em: https://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/conjuntura/210714_nota_trabalho_remoto.pdf. Acesso em: 15/10/2021.

LAGARDE, Marcela y de los Ríos. **Los cautiverios de las mujeres: madresposas, monjas, putas, presas y locas**. México: Siglo XXI, 2 ed. 2015.

MACHADO, Gabriele Petroski, MOURA, Reidy Rolim. **Implicações da dupla jornada de trabalho na vida da mulher que está atuando na modalidade de teletrabalho em tempos de pandemia de covid -19**. In: V SERPINF - Seminário Regional de Políticas Públicas, Intersetorialidade e Família e III SENPINF – Seminário Nacional de políticas públicas, Intersetorialidade e Família, 2013, Plataforma Zoom Webinar. Anais...PUC/RS. Porto Alegre. PUC/RS. 2013.

RODRIGUES, Maria Natália Matias; MENEZES, Jaileila de Araújo. **O desafio de pesquisar: reflexões sobre Metodologias e Feminismo a partir de uma**

experiência de pesquisa. In: Seminário Internacional Fazendo Gênero 10 (Anais Eletrônicos), Florianópolis, 2012.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A cruel pedagogia do vírus.** São Paulo: Boitempo, 2020.

SOF, Sempre Viva - Organização Feminista. **Pesquisa Sem Parar: o trabalho e a vida das mulheres na pandemia.** 2021. Disponível em:

https://mulheresnapandemia.sof.org.br/wp-content/uploads/2020/08/Relatorio_Pesquisa_SemParar.pdf. Acesso em: 15/10/2021.